

como uma das mais coppolianas obras do autor, no sentido em que une, como nenhuma outra, as tradições cinematográficas europeia e norte-americana, uma velha e confessa ambição de FFC, nado em Detroit, em 1939, no seio de uma família italo-americana. Este homem que, ao longo de toda a carreira, manteve uma bem sucedida relação de amor/ódio com os grandes estúdios de Hollywood, faz, logo no genérico inicial, a devida vénia a alguns clássicos americanos dos anos 40, em que os temas do sonho, do tempo distorcido e da vida (e do amor) para além da morte são amplamente tratados. Falo de *O Fantasma Apaixonado* (*The Ghost and Mrs Muir*, de Mankiewicz), em que Gene Tierney e Rex Harrison se apaixonam contra toda a lógica, de *O Retrato de Jenny* (de William Dieterle), em que Jennifer Jones «regressa do além» para reconstituir a sua morte, ainda adolescente, numa tempestade marítima e, como não podia deixar de ser, do hoje bem mais conhecido *A Mulher que Viveu Duas Vezes*, de Alfred Hitchcock. A presença de Bruno Ganz (como o bom Dr. Stanculescu) evoca, por sua vez, *As Asas do Desejo*, do alemão Wim Wenders, onde o actor suíço interpreta o anjo Damiel, a quem cabe fazer o caminho inverso ao de protagonista de Coppola, sacrificando a transcendência por uma vida mais humana e apaixonada. *Uma Segunda Juventude* é, aliás, na sua universalidade, uma história bem própria da Europa Central, com as suas inquietações sobre os limites existenciais que, ao género humano, é permitido ultrapassar. Explícita e implicitamente, Mircea Eliade cita Nietzsche, Leibniz, os mitos de Drácula, Doutor Fausto e de Dorian Gray os grandes mestres e conceitos do hinduísmo e Coppola



O professor Mattei (Tim Roth) é brindado com a oportunidade única de voltar à juventude, mas a contrapartida pode ser terrível

não hesita em fazê-lo, consciente embora de que as relações entre cinema e Filosofia tendem a não ser harmoniosas. Mas *Uma Segunda Juventude* – há que dizê-lo – não se destina ao público dos multiplex servidos pelas pipocas; é uma obra-prima em que, como o seu herói inverte o tempo biológico, o realizador desafia as fronteiras convencionais da linguagem cinematográfica. Nas entrevistas que concedeu, no âmbito da promoção do filme, FFC admitiu que não acreditava no tempo tal como o medimos. Talvez por isso, nos brinde com um filme que, ancorado

em várias tradições, volta a estar à frente do seu (nosso) tempo, antecipando o que pode vir a ser o grande cinema das próximas décadas. Talvez, por isso, não tenha hesitado em esperar dez anos para o realizar. Ou para o amadurecer, como faz nas suas vinhas de Napa.

**UMA SEGUNDA JUVENTUDE.** Estados Unidos, Alemanha, Itália, França, Roménia, 2007. Realização: Francis Ford Coppola. Interpretação: Tim Roth, Bruno Ganz, Alexandra Mara Lara, Adrian Pinta, entre outros. Duração: 124 minutos. Salas: Alvaláxia, King, Amoreiras, Monumental Saldanha, UCI Corte Inglés.

## sugestões

Bando, com textos de, entre outros, Carlos Fernando, e dramaturgia de João Brites e Amauri Tangará. Espectáculo integrado no ciclo Outras Lisboas. Haverá amanhã, 24, depois da apresentação, um debate entre o público e os elementos do Bando. *Teatro São Luiz, até 26 de Abril, às 21 horas*

**COMEÇAR A ACABAR.** «Em breve estarei morto finalmente apesar de tudo». Assim começa um monólogo em que um homem se dirige ao público para contar a sua história. Recorda as relações tensas com o pai, o amor à mãe, a infância, a juventude, a solidão. E também o resto: as insignifi-



João Lagarto

câncias escritas por Beckett, que o homem lembra de forma aparentemente aleatória. Direcção, tradução e interpretação de João Lagarto. *Teatro Nacional D. Maria II, até 1 de Junho*

**LIBRAÇÃO.** «Movimento como que de oscilação que um corpo, ligeiramente perturbado no seu equilíbrio, efectua até recuperar pouco a pouco», eis a definição do título. A peça, de Luísa Cunillé, narra o encontro entre duas mulheres num parque de uma cidade durante três noites de lua cheia. As palavras, as estratégias, os reconhecimento, as memórias, as necessidades, o filho de uma e os cães da outra. Encenação de Cristina Carvalho. Produção de As Boas Raparigas. *Culturgest, Lisboa, 28 e 29 de Abril, às 21 e 30*

**UM MERLIN.** A relação entre o sábio Merlin e a jovem Niniane – que perdeu a memória – é pretexto para discutir o amor, a bondade, a maldade, a velhice, a vida e a morte. Fábula e crítica num texto de Roberto Lage, que também encena. Com António Reis e Isabel Nunes. Uma produção do Teatro Seiva Trupe. *Teatro do Campo Alegre, Porto, 3ª a sábado, às 21 e 45. Domingos, às 16. Estreia a 29 de Abril. Até 25 de Maio.*

**OS OLHOS DO MUNDO E A FORTUNA.** Com título retirado de um soneto de Shakespeare – *Fortune and Men's Eyes* – trata-se de uma peça crua e amarga sobre a degradação e a brutalidade física e moral num reformatório masculino. Smitty, cumpre uma pena de seis meses por um delito menor, e a pouco e pouco vai-se transformando no mais cínico e insensível dos prisioneiros – tornando-se cada vez pior na interacção com os seus companheiros de cela: Rocky, Queenie e Leo. De John Herbert, conta com encenação de José Henrique Neto. *Teatro da Trindade, estreia hoje, 23, às 22 horas. Até 11 de Maio*

## CINEMA

**CINEMATECA:** Prossegue a evocação de dois dos maiores vultos do cinema, falecidos em 2007 (no mesmo dia), Michelangelo

Alain Ollivier

# Metáfora da existência

**E**scuro. Apenas duas velas iluminam a cena. Uma mulher morta – jovem, de vestido branco, mãos no peito. Três mulheres de negro velam o seu corpo. O silêncio é sepulcral. As três envergam máscaras que lhes escondem parte do rosto. A boca fica a descoberto para se ouvirem perfeitas as palavras de *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa, em cena na Sala Experimental, do Teatro Municipal de Almada, até 18 de Maio. Teresa Gafeira, Maria Frade e Cecília Laranjeira são as veladoras. Alain Ollivier, actor e encenador francês que dirigiu o Théâtre Gérard Philippe de Saint-Denis (Centro Dramático Nacional) apresentou a versão francesa de *O Marinheiro*, em Almada, em Setembro de 2006. Com produção da Companhia de Teatro de Almada, volta agora a encenar o «drama estático» de Pessoa, desta feita no português original.

**Jornal de Letras: O que fundamentalmente o interessou n' *O Marinheiro*?**

**Alain Ollivier:** Associo *O Marinheiro* ao nascimento do teatro simbolista em França, no último quartel do século XIX. Foi um período em que o teatro francês estava neutralizado pelos autores hiper-realistas, sem qualidade literária, inspiração poética ou pensamento. As peças eram conduzidas unicamente pelas acções exteriores das personagens. Penso que também neste momento, em França, atravessa-

## breve encontro

Alain Ollivier, 70 anos, actor e encenador francês

mos um período no qual a dramaturgia é muito vazia e pareceu-me interessante montar uma peça que fala justamente da inspiração poética. As três veladoras são vozes complementares e contraditórias. Penso que *O Marinheiro* é a metáfora da existência do poeta. Pessoa teve muito cedo, aos 24 anos, a intuição e a visão do que seria a sua existência – soube que haveria tormenta e sofrimento. É esse

horror de que fala a segunda veladora no fim da peça. *O Marinheiro* diz-nos que há a vida verdadeira, a imaginativa, onífrica, dos sonhos, e a outra que não é verdadeira, mas uma vida de sofrimento.

**Quais foram as suas principais preocupações na encenação?**

A preocupação principal foi pôr em cena, e fazer compreender às atrizes, a necessidade do silêncio. Na peça são mais ou menos longos, e estão indicados muito precisamente no texto. Isto porque há uma presença essencial n' *O Marinheiro*: o tempo. E o tempo existe quando temos a percepção do silêncio. No deserto, sem barulho, subitamente, ouvimo-lo de forma diferente. Importante foi também compreender, e fazer compreender às atrizes, que jamais se pode dramatizar o texto na voz. Ele não suporta um tom dramático e se o fizéssemos assim poderia tornar-se grotesco. É preciso encontrar uma tonalidade muito calma, mas muito sustentada.



Alain Ollivier

**E por que razão têm máscaras?**

Desde o início que eu pensava que as máscaras se deveriam parecer com as *Demoiselles d'Avignon*, o célebre quadro de Picasso. Trabalhámos muito e reflectimos com Erhard Stiefel [o escultor, criador das máscaras] nessa primeira ideia que acabou por não resultar. Resolvemos depois ir por outro caminho, mais simples, feito a partir de moldes dos rostos das atrizes. A máscara surgiu para que o espectador não se identificasse com nenhuma das três mulheres. Além disso, elas são a voz da inspiração de Pessoa e personagens um pouco míticas, espécies de divindades e pareceu-nos uma boa forma de as mostrar, não as revelando completamente. Há ainda uma outra razão, talvez musical, pois a máscara dá-nos outra capacidade de escuta. A voz falada através de uma máscara tem um som completamente diferente da voz de um rosto descoberto.

FRANCISCA CUNHA RÊGO